

« RECORTE »
Apartado 2571
Portugal
13 01

SECULO ILUSTRADO
Lisboa
CAPITAL (A)
Lisboa
COMÉRCIO DO PORTO(O)
Porto
Letras e Artes

10. AEG. 1971

29

RADIO-TV



VER E CONTAR

CORREIA DA FONSECA

1 UM AUTOCARRO NO CAMPO

Primeiras imagens de uma nova rubrica: um autocarro avança por mau terreno, arrisca-se quase por carreiros. E uma equipa da Televisão que vai em busca do povo. Mas não uma equipa qualquer: é coordenada por Michel Giacometti, um homem que veio de longe para fazer, nesta terra que lhe era alheia, em péssimas condições, um trabalho de amor e respeito pela gente portuguesa. Um trabalho que os portugueses descuidaram durante decénios, apesar da folclorite endémica que tem vindo a assolar o País. Naquele autocarro vai, finalmente, a Televisão Portuguesa à procura do povo que canta. Já Tomás Ribas dera claro sinal de que a R. T. P. não podia continuar apenas a colecionar a presença de ranchos folclóricos nos seus estúdios, longe da terra e da autenticidade. Mas com Giacometti, Manuel Jorge Veloso, Francisco d'Orsey, Alfredo Tropa, é como que se tudo se pusesse em termos novos. Como se a Televisão Portuguesa fizesse pública promessa de não tornar às ingenuidades do passado.

Lá mais para o fim da noite, com a presença do Grupo Folclórico Poveiro em «Canal 13», saberíamos que afinal ainda não terminaram os tempos da contra-facção folclórica. Neste capítulo, o programa de Mário Dias Ramos bateu um «record»: trazer o «folclore», com regularidade sistemática, para um palco do Parque Mayer. Como se o património folclórico de um povo pudesse constituir-se em espectáculo sem quebra de dignidade. Fernando Lopes Graça disse um dia que «o folclore não é para divulgar», significando com isto que se opunha à sua

antípodas dos ranchos apinocados, a exibirem-se na cidade como objectos de negócio turístico. A Televisão foi de autocarro para o próprio terreno da verdade.

2 13 VEZES «CANAL 13»

Ana Maria Lucas anunciou o décimo terceiro «Canal 13». Logo de princípio, veio uma presença bem de acordo com o tom do programa de Mário Dias Ramos: Artur Garcia, recentemente notabilizado no Festival da Figueira da Foz. Artur cantou e deu opinião, embora a custo: acha ele que, em matéria de canção, as pessoas não sabem bem o que querem; mas não deu sinais de entender o maravilhoso benefício que daí colhe. E, contudo, com aquelas canções não teria a mínima possibilidade com um outro público. «Olhos de Veludo», por exemplo, é produto que só se fornece quando de antemão se sabe que o público consome tudo sem pestanejar nem reflectir. Para seu mal.

Depois veio José Joaquim, torturado, inseguro, mas a trazer notícias razoáveis a seu respeito. (Com José Joaquim, está lançado um desafio à sociedade portuguesa: vamos saber em que medida o País vai conseguir preservar da destruição aquele talento invulgar que o acaso revelou. Aquele talento que lhe está confiado.) Ellen de Lima mudou nada: na sua voz, nem as canções de Vinicius e Baden-Powell resistem. Zezé Moreira falou de futebol, que é tema de interesse garantido, mas num tom de tanta precaução que quase tudo se perdeu. Maya & Robert cantaram em fim-de-festa, o que foi demais para os seus méritos. Mas foi com Eurico da Fonseca que o telespectador

para sustos: também Paulo VI deseja que se apliquem na paz os dólares queimados no Vietnam, sem que por isso alguém o tome pelo que não é. E tempo, de facto, que percamos certos medos. Ou, o que é o mesmo: que ganhemos o sentido de certos ridículos.

Campeão
Atletico

Inicia-se
quia, o C
de Atletis

LOCUTOR EM QUES NA TV

A notícia de que nos Estúdios candidatos começaram as suas provas para locutores da TV, terá a mesma ou o mesmo significado para todos interessa, flagrantemente, tanto aos res e locutoras que a Radiotelevisão venha a admitir, como aos espectadores quotidiano interferido ou não pelo lhado, pois é sabido que neste jogo sociais, até os que não ligam estão

A observação de Marshall McLuhan TV não funciona como pano de fundo. É preciso estar com ela», pode ser abuso de interpretação extensiva, a menos de densidade social que a torna por fazer o que é de sua natureza: Para ajudar os cépticos e os «sotes a transigir com estas trivialidades bem que se lembre como Jean R bem acompanhados, portanto — cto «Num dos factos sociais mais impositivos.» E claro e sucinto: «Vejo a que ela existe.» Quando o entrevistado não esperava arrancar ao sábio exclusiva e autorizada apologia dos tíficos, ouviu-o encantado com o fa graças à Televisão, as canções de Sheila, Jacques Brel, Brassens... rem mente: «Aprecio também certas em dades.» De tão singela ilustração, se absurdo não concluir que é irrecusação da TV, carente e merecedora constante.

A Rádio, primeiro, e depois a T nizeram em Portugal um certo figur muito mais aferido por miragens a fácil — importada e falseada do extos casos repudiada pessoalmente dade — do que pela séria e fina cons profissão cuja categoria deve pau tão directa influência social a todos guns casos pessoais de excepção tal chegado ainda para definir exactam social da locutora e do locutor ne por refundir, por exemplo, falsos on conceitos de fonogenia, de fotogenia cultural, de educação, de envergadi nas relações de circunstância, etc... Os meios de comunicação são de extensão tecnológica prodigiosa. Os rem constitu...

do se pusesse em termos novos. Como se a Televisão Portuguesa fizesse pública promessa de não tornar às ingenuidades do passado.

Lá mais para o fim da noite, com a presença do Grupo Folclórico Poveiro em «Canal 13», saberíamos que afinal ainda não terminaram os tempos da contrafacção folclórica. Neste capítulo, o programa de Mário Dias Ramos bateu um «record»: trazer o «folclore», com regularidade sistemática, para um palco do Parque Mayer. Como se o património folclórico de um povo pudesse constituir-se em espectáculo sem quebra de dignidade. Fernando Lopes Graça disse um dia que «o folclore não é para divulgar», significando com isto que se opunha à sua utilização comercial ou política sob o falso pretexto da divulgação. Ontem, Michel Giacometti completou a lição de Lopes Graça ensinando-nos que o folclore é para recolher, e para recolher com extremos cuidados, com todo o respeito. E lembrou: «A palavra folclore (e não apenas entre nós) esvaziou-se do seu conteúdo original, e de tal maneira que o seu emprego conduz a confusões inegáveis.»

Contra todas as «confusões», temos aí agora a rubrica «Povo que Canta», produzida por Orey e Velloso, coordenada por Michel Giacometti. Pela emissão de ontem, já o telespectador terá ficado a fazer uma ideia do que é o cuidado pela verdade integral de um canto do povo: para Giacometti, não foi bastante que o sr. António da Ascensão Lopes reproduzisse a moda de lavoura diante do microfone; foi indispensável ligar o canto à prática efectiva do trabalho a que a canção estava ligada. Estamos nos

Depois veio José Joaquim, torturado, inseguro, mas a trazer notícias razoáveis a seu respeito. (Com José Joaquim, está lançado um desafio à sociedade portuguesa: vamos saber em que medida o País vai conseguir preservar da destruição aquele talento invulgar que o acaso revelou. Aquele talento que lhe está confiado.) Ellen de Lima não mudou nada: na sua voz, nem as canções de Vinícius e Baden-Powell resistem. Zézé Moreira falou de futebol, que é tema de interesse garantido, mas num tom de tanta precaução que quase tudo se perdeu. Maya & Robert cantaram em fim-de-festa, o que foi demais para os seus méritos. Mas foi com Eurico da Fonseca que o telespectador melhor ganhou o seu tempo. Seguro, fluente, sem se deixar inutilizar pelas interrupções, Eurico da Fonseca aproveitou todo o pouco tempo de que dispôs. O problema das enormes despesas com a exploração lunar foi por ele posto nos justos termos: todo o dinheiro já gasto em 14 anos de programa espacial apenas corresponde ao encargo com um ano de guerra no Vietnam. O mesmo é dizer que a Lua é compatível com o progresso na Terra, mas que a guerra não o é. Por isso, talvez, Nixon vai a Pequim.

Alguma coisa ficou por abordar na conversa com Eurico da Fonseca: o investimento publicitário, a transformação de um êxito da humanidade em argumento a favor de um só país. Mas os números apresentados já bastavam para salvar o 13.º «Canal 13» do zero absoluto. Eurico da Fonseca pareceu recear que a sua informação, meramente estatística, fosse tomada como alinhamento político, ou quase. Mas não havia razão

graças à Televisão, as canções de Sheila, Jacques Brel, Brassens... rememore: «Aprecio também certas emendas.» De tão singela ilustração, se absurdo não concluir que é irrecusação da TV, carente e merecedora constante.

A Rádio, primeiro, e depois a TV, fizeram em Portugal um certo figurão muito mais aferido por miragens fáceis — importada e falseada do extinto casos repudiada pessoalmente — do que pela séria e fina conspícuos casos pessoais de excepção tal chegado ainda para definir exactamente a locutora e do locutor ne por refundir, por exemplo, falsos ou conceitos de fonogenia, de fotogenia cultural, de educação, de envergadura nas relações de circunstância, etc...

Os meios de comunicação são inextensão tecnológica prodigiosa. Os rem, constituem a própria comunicação. São, de modo vivo, esses meios se distinguem da «massa» — e devem ela com a convicção de uma autenticamente aceite.

Roger Clausse, que embalou as canções — meninas da Europa, e ainda do Mundo, notou certa vez que as técnicas de difusão social são ao mesmo tempo, por vezes, meios de relação e meios de escape. A descrever a realidade num esforço de objectividade, como a exprimir-lhes a significação de criação de valores ou de valores, não encontro melhor desafio ao trabalho dos locutores, do que assumirem, com consciência das suas responsabilidades, que definiam, na opinião de Roger Clausse, as técnicas de difusão social. É tempo. É eloquentemente explícitos os atributos que têm andado só implícitos nas mecânicas designações: «meios de difusão social».

Só a partir de hoje se vão conhecer os resultados e as aptidões dos 503 candidatos dos sexos, cuja sorte seria de lamentar se interessasse aos «magazines da esportividade» que está em causa é um confronto com as ilusões destes jovens — e os valores da vida, os sentimentos que eles têm. Talvez seja preferível que certo sector não tenha os locutores que ainda cada vez mais necessário dar sentido à consabida sentença negadora dos tempos: o País tem o que merece.

A. MOREIRA D